



Salvar o pouco que ainda resta das tradições dos guaimis é a meta dos membros dessa tribo

Cultura indígena ameaçada

As etnias indígenas costarriquenhas travam uma luta gigantesca para salvar suas tradições e manter um mínimo de identidade cultural

Carlos Castillo

Aurelio Bejarano teve que recorrer à ajuda de um gravador para poder cantar uma música tradicional na prova final que antecedeu à eleição do novo cacique dos índios guaimis na reserva de Abrojo-Montezuma, no extremo sul da Costa Rica.

Aurelio quase já não fala a língua guaimi, uma das oito etnias indígenas que ainda existem no país, mas conseguiu convencer os 330 habitantes da reserva que conhecia mais as tradições de seu povo que seu adversário Ventura Jiménez.

Ventura não conseguiu completar nem uma estrofe de uma antiga canção guaimi. O gravador ajudou Aurelio a conquistar o posto de cacique, vago desde a morte de seu antecessor, há 64 anos, mas não lhe servirá para recupe-

rar as tradições perdidas ao longo de um intenso processo de aculturação que enfrentam os 24.100 indígenas costarriquenhos, que formam menos de um por cento da população do país. "Quando uma cultura se perde é muito difícil recuperá-la", admite Guido Rojas, secretário da Comissão Nacional de Assuntos Indígenas (Conai), um órgão do governo.

A eleição em Abrojo-Montezuma, uma reserva de 1.480 hectares, situada em uma região de selva junto à fronteira com o Panamá, foi uma tentativa de salvar o pouco que ainda resta das tradições indígenas dos guaimis, a terceira etnia mais numerosa da Costa Rica.

Até os anos 70, as línguas indígenas eram proibidas nas escolas criadas pelo governo costarriquenho nas reservas, e só recentemente o ensino bilíngüe foi autorizado. Hoje, 75% dos professores

nas quatro regiões onde vivem os bribris, o segundo grupo mais importante, são indígenas.

Recuperar as tradições - A tentativa de salvar a cultura dos habitantes originais da Costa Rica é também um esforço para recuperar as tradições de um país que desde os anos 40 passou por intenso processo de incorporação de valores externos, com o objetivo de diferenciar-se de seus vizinhos da América Central.

Hoje, os sobreviventes das etnias indígenas autóctones vivem, principalmente, na região montanhosa da parte sul do país. Em sua grande maioria foram absorvidos pela economia bananeira da qual participam como mão-de-obra barata.

O artesanato indígena local é pouco valorizado. A maioria dos compradores nacionais e estrangeiros prefe-

Paraguai

Indígenas reclamam terras

Os indígenas *enxet* do Chaco paraguaio estão sendo vítimas de perseguições por suas demandas territoriais. Esse grupo habita uma região que ocupa um quarto da parte ocidental do Paraguai e lhes é negado o acesso a suas terras de caça. Para forçá-los a abandonar suas terras, muitas famílias estão sendo obrigadas a se desfazer de seus animais.

A perseguição, denunciada por organismos de direitos humanos, é a resposta à reclamação dos *enxet* de títulos de propriedade para uma pequena parte de suas terras. Essa reivindicação fez com que entrassem em conflito com donos de terras e o governo. A nova Constituição paraguaia reconhece o direito dos indígenas à propriedade de terras, mas os *enxet* enfrentam continuamente a indiferença das autoridades. Inclusive são objeto de agressões por parte dos latifundiários e funcionários governamentais.

Enquanto isso, as terras em litígio estão sendo desmatadas e vendidas como forma de intimidação para que os indígenas não prossigam com suas reclamações. Os advogados dos *enxet* conseguiram, com o apoio da

organização de direitos humanos Survival International, cancelar um projeto italiano que pretendia levar centenas de colonos a povoar suas terras. A mesma ação e o apelo urgente do organismo internacional contribuíram para suspender um projeto de "desenvolvimento" da União Européia que havia sido aprovado sem o consentimento dos indígenas.

Os seis mil *enxet* vivem em uma área que se conhece como "Zona Anglicana". A única terra que têm são quatro pequenas parcelas que a Igreja anglicana comprou para eles, que agora se encontram superpovoadas. Os pecuaristas, alarmados com os avanços dos indígenas, planejam apresentar um projeto de lei ao Parlamento paraguaio que estabelece a criação de uma comissão de fazendeiros, oficiais militares e os governadores do Chaco para administrar todos os projetos de desenvolvimento nessa região.

O projeto preparado pela Associação Rural Paraguaia declara que a "salvação dos indígenas" está em sua total integração na sociedade paraguaia e foi qualificado de etnocida pela comunidade internacional.

rem tecidos, cerâmica e enfeites de origem maia, especialmente os trazidos da Guatemala. Até o artesanato equatorial de origem inca tem mais mercado.

A música e a dança foram as manifestações mais atingidas pela aculturação dos indígenas costarriquenhos, como revelam as dificuldades enfrentadas pelos candidatos a cacique na reserva Abrojo-Montezuma, para cantar uma música tradicional.

Os oito principais grupos indígenas da Costa Rica vivem hoje em 22 reservas localizadas na região sul do país, principalmente nas regiões de Talamanca, Buenos Aires e Coto Brus. A extensão total das reservas chega a 320 mil hectares (cerca de 6% do território nacional).

A Constituição costarriquenha concede aos indígenas o controle da terra nas reservas, mas a realidade é bem diferente. Segundo a Comissão de Direitos Humanos da América Central, 25% das terras em seis reservas são administrados por proprietários não-indígenas. Nas 16 reservas restantes, a proporção de áreas fora do controle indígena é ainda mais alta, chegando a 40%.

Minor Blanco, um líder da etnia bribri, de Talamanca, reconheceu em um texto escrito para a revista centro-americana *Hombres de Maíz*, que os indígenas já não têm mais esperanças de resistir ao assédio econômico das indústrias bananeiras, empresas de mineração e empresários do turismo. "A manutenção de nosso sistema econômico tradicional é quase impossível diante do poder econômico destas empresas", disse Blanco.

A esperança dos índios é que a sociedade acabe se convencendo de que a proteção ambiental é o único recurso para frear o avanço das mineradoras e da indústria bananeira. "Se isto ocorrer poderemos ser muito úteis, porque sabemos melhor que nada como conviver com os bosques e com a fauna tropical", acrescentou.

Mas enquanto seus desejos não se concretizam, os indígenas da Costa Rica querem, pelo menos, salvar suas tradições para manter um mínimo de identidade cultural. Se este esforço prosperar, o cacique Aurelio Bejarano não necessitará da ajuda de um gravador para cantar a música guaimi. ■

A perseguição que sofrem os indígenas do Chaco paraguaio foi denunciada pelas organizações de defesa dos direitos humanos

